

Melhora das contas externas

Economia - Brasil

Ao contrário do que se pode deduzir de análises apressadas do balanço das transações correntes de janeiro, em 1998 o Brasil deverá registrar significativa melhora de suas contas externas. O resultado do balanço de contas correntes do primeiro mês do ano foi recebido com pessimismo por ter sido pior que o do mesmo mês de 1997 e por representar 4,18% do PIB contra 4,15% em dezembro. Tal interpretação não nos parece correta. Não se pode determinar a tendência de todo um exercício fiscal a partir da apuração de um só mês.

O déficit em conta corrente e em relação ao PIB refere-se aos 12 últimos meses, isto é, inclui os dados de 11 meses de 1997 que foram ruins. Note-se, a propósito, que o resultado de janeiro não é o pior do período, pois em novembro de 1997 o déficit em relação ao PIB foi de 4,25%. As contas de janeiro, comparadas ao resultado de dezembro, registram uma redução de 45,2% do déficit.

Na realidade, todos os dados de janeiro de 98 são melhores que os de dezembro de 97, o que inclui a balança comercial e todos os serviços, com exceção dos seguros. Houve uma nítida melhora nas despesas com juros, com queda de 52%; nas remessas de lucros e dividendos, que accusam uma redução de 56%; e uma ligeira melhora no saldo das viagens internacionais.

Não se pode, evidentemente, a partir do resultado de um mês prever o de todo o ano, particularmente no que diz respeito a vencimentos de juros da dívida. Mas os dados disponíveis autorizam a analisar as contas externas com otimismo cauteloso. A balança comercial deve ter um resultado melhor que o do ano passado, pois, por um lado, as importações come-

çam a diminuir por causa da queda da demanda interna e de um certo protecionismo, e, por outro lado, as exportações tendem a aumentar. A perspectiva de uma boa safra agrícola e o aperfeiçoamento dos mecanismos de financiamento das exportações devem manter a tendência de melhora das contas externas. O resultado da balança comercial para os 17 primeiros dias de fevereiro, com um déficit de apenas US\$ 164 mi-

lhões, parece justificar o otimismo. A conta de serviços poderá ser afetada por um aumento do endividamento externo e da alta da taxa de juros, mas espera-se o

arrefecimento das remessas de juros e dividendos, anormalmente altas no ano passado.

O déficit em conta corrente deverá diminuir, mas o que conta é seu financiamento pelo fluxo de capitais. Sem privatizações, o resultado dos investimentos diretos em janeiro foi favorável e continua a sê-lo na primeira quinzena de fevereiro. Com as privatizações previstas teremos um novo surto de investimentos diretos. As aplicações de portfólios voltaram ao normal, com tendência a melhorar. Os temores de que houvesse uma queda na captação de recursos no mercado financeiro internacional foram afastados: a captação nunca foi tão elevada como em fevereiro, a ponto de as autoridades monetárias se preocuparem com o volume do fluxo de capitais.

A melhora das contas externas consolida a confiança dos investidores estrangeiros no Brasil. Isso, todavia, não é suficiente. Existem ainda dois problemas a resolver. O primeiro diz respeito ao déficit público, que não dá sinais de melhora; o segundo, à necessidade de uma taxa de crescimento maior, que uma redução da taxa de juros favoreceria e a situação cambial permite.

Vários fatores indicam uma tendência de recuperação das contas externas do País